

JIMÉNEZ, Cristina Martín. Os donos do mundo. Campinas:

Vide Editorial, 2020. 372 p.

Luiz Carlos Montans Braga¹

A expressão “teoria da conspiração” foi cunhada pela CIA no documento número 1035-960, datado de 1º de abril de 1967. (JIMÉNEZ, 2020, p. 29)².

Os estudos de filosofia política, dada a predominância do modelo de leitura estrutural de textos clássicos, em geral se debruçam sobre um ou mais autores canônicos da história da filosofia. Outra via possível é a escolha de um conceito acerca do qual se faz a devida hermenêutica a partir de um recorte temporal ou autoral. Eis caminhos bastante percorridos pelos pesquisadores em filosofia quando o tema é a política. Trabalho de elucidação de autores e problemas internos aos sistemas, tem enorme valor pedagógico, pois ensina a pesquisar e a pensar. Pode, noutra chave, levar a ótimos resultados de elucidação de um autor, conceito ou problema filosófico.

Ao girar em torno dos clássicos, a filosofia política deixa a outras áreas a pesquisa sobre questões de conjuntura ou históricas. Focada no conceito, prescinde em larga medida da empiria, que fica a cargo da história ou das ciências sociais. Nada impede, entretanto, que investigações não exclusivamente filosóficas, ou que não sejam feitas nos moldes acima indicados, apresentem resultados altamente filosóficos, bem como métodos filosóficos - aliados a dados concretos - de investigação. O clássico, aponta Ítalo Calvino, é aquele que não cessou de dizer o que tem a dizer (CALVINO, 2009). Portanto, é lento para ler e esclarecer o mundo. Pode e deve ser usado para a leitura do conjuntural e do histórico. Quando conceitos definidos pelos autores canônicos da filosofia política são colocados em xeque por orquestrações de bastidor,

¹ Doutor em Filosofia (PUC-SP). Professor do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) - em licença.

² Sobre documento da CIA, com reprodução do original, ver: DEHAVEN-SMITH, 2013, pp. 197-202. Para acesso ao original: DOCUMENTO CIA 1035-960. Disponível em: <https://archive.org/details/CIADOC1035960/mode/2up>. Acesso em 21 Mar. 2023.

que é exatamente o que mostra a pesquisa de Cristina Martín Jiménez, apresenta-se a filosofia política em um de seus desdobramentos mais ricos e pouco usuais. Ou seja, aquele que borra as fronteiras entre história, conjuntura e filosofia.

Autores da filosofia política apresentam teses sobre os modos de exercício do poder, investigam acerca do melhor governo, do mais apropriado regime, tratam do conceito de Estado, da definição da Justiça, de temas como liberdade e bem comum. O que ocorre, todavia, quando uma pesquisa em fontes primárias, realizada cuidadosamente por mais de uma década, coloca sob os holofotes decisões de bastidor, tomadas por uma pequena elite, as quais minam instituições muito caras à filosofia política? Como qualificar uma pesquisa que apresenta análises geopolíticas que emparedam conceitos preciosos à filosofia política, como democracia, soberania, representatividade, liberdade política? Uma hipótese em dois lances é: (a) um ensaio de tal natureza é um braço da filosofia política; (b) trata-se de uma radicalização, no sentido de ida à raiz, dos estudos de filosofia política. Por isso, talvez se possa chamar tal gênero de ensaísmo também de filosofia política ou, no mínimo, o considerar uma de suas derivações. Pois o espanto causado pelas descobertas de Jiménez é profundamente filosófico, bem como o são os caminhos adotados como método pela autora. O ensaio faz pensar sobre articulações de bastidor, realizadas por quem tem enorme poder, inclusive para se travestir com instituições fundamentais ao Ocidente, objetivando alcançar o domínio de espectro total de maneira sutil. Lobos em pele de cordeiro, nominados no correr da obra, postos a cuidar das democracias ocidentais, bem como a implantar tal regime onde não exista, porém fazendo no frígido dos ovos o exato oposto do que pregam em discursos, por meio das instituições que comandam, desde fundações a organismos supranacionais.

O ensaio de Jiménez, *Os Donos do Mundo*, é, nesse sentido, um braço da filosofia política, não obstante ser, em classificação usual, um ensaio de geopolítica ou uma investigação jornalística. Assim como Milton Santos conseguiu elevar a geografia a patamares filosóficos em obras tais como *Técnica, Espaço, Tempo* (2008), Jiménez o faz em *Os Donos do Mundo*. Ao ir à raiz dos problemas usando lentes e métodos filosóficos cruzados com análise conjuntural e histórica, traz empiria à luz de conceitos filosófico-políticos, mostra a desconstrução da política e a usurpação do poder global

por uma oligarquia oculta. Como corolário do ensaio, conceitos da filosofia política se liquefazem, o que é problema de alto interesse às investigações filosóficas.

Que mapa radical e assustador mostra Jiménez? É o que se desenha a seguir, iluminando em maior medida algumas partes e apenas apontando outras.

O objeto de investigação do ensaio de Jiménez é o Clube Bilderberg. Trata-se de um clube de elite constituído por bilionários e pessoas muito influentes - jornalistas, professores universitários, políticos, executivos etc. - que se reúnem anualmente, desde 1954, a portas fechadas. Na verdade, o livro encerra uma trilogia, ao lado de *Perdidos: los planes secretos del Club Bilderberg* e *Los planes del Club Bilderberg para España*. Nas palavras da autora, “três livros que [...] abordam diretamente fatos e personagens fundamentais para entender o cerne do que está ocorrendo hoje em dia, e por que as coisas acontecem dessa forma.” (JIMÉNEZ, 2020, p. 16). Soma-se à trilogia a tese doutoral defendida pela autora em junho de 2017 (JIMÉNEZ, 2017), na qual realizou uma análise estrutural dos magnatas, acionistas, CEOs e diretores dos meios de comunicação globais, membros do Clube Bilderberg, encerrando um ciclo de treze anos de investigação da entidade. Objeto de difícil elucidação, dado que se oculta da imprensa, da sociedade, do público. Ademais, age com silenciosa eficácia, como atesta a passagem a seguir:

Este livro, que hoje você pode ler, desapareceu da Espanha por quase sete anos. Foi publicado pela primeira vez em maio de 2010, um mês antes da reunião do Clube Bilderberg em Sitges [município da Espanha], criando uma clara expectativa em relação a uma cúpula internacional recém-descoberta que haveria em seu próprio país. Por isso, foi espantoso, tanto para aqueles que procuraram a obra nas livrarias como para mim mesma, constatar que, poucos meses após a publicação, o livro tinha desaparecido. (JIMÉNEZ, 2020, p. 13).

O livro se estrutura em treze capítulos e seis anexos. O capítulo 1 se intitula *O Clube Bilderberg: os donos do mundo*. O capítulo 2, *A maçonaria e os Bilderbergs*. O capítulo 3, *Os outros clubes poderosos*. No capítulo 4, investiga *A manipulação institucional da sociedade*. No 5, *Acontecimentos internacionais provocados pelo Clube Bilderberg*. A seguir, no 6, *Seus últimos encontros*. O capítulo 7 traz a submissão das mídias *mainstream* aos donos do mundo: *A servidão da mass media*. O capítulo 8, discute o regime político do povo - supostamente - em *A democracia e a Nova Ordem dos donos do mundo*. O capítulo 9 é especialmente polêmico e trata de um tema tabu.

A seguir, desdobrarei um pouco as teses deste capítulo, que se intitula *As mentiras do “aquecimento global”*. O capítulo 10 também aborda tema sensível e se intitula *A tática das pandemias*. Na sequência, o capítulo 11 traz o tema *Barack Obama, o presidente do Clube Bilderberg*. No 12, *O império Bilderberg*. No Capítulo 12 + 1 - assim o intitula a autora -, tem-se *Donald Trump, o inesperado*. Os anexos tratam dos seguintes temas: *Quem governa o mundo?; As origens do Clube Bilderberg; Fundadores; Estrutura. Os círculos concêntricos. As reuniões; A identidade secreta dos Bilderbergs* e, por fim, *Instituições de Tavistock nos Estados Unidos*.

Não desdobrarei cada um dos capítulos, uns mais bem fundamentados, outros mais especulativos - o que se compreende, dada a natureza do objeto de estudo. Os capítulos mais especulativos talvez sejam o calcanhar de Aquiles do ensaio, dando ensejo às críticas mais contundentes, o que não invalida a tese geral do livro, sustentada pelos capítulos mais bem construídos e embasados.

A seguir, farei alguns apontamentos sobre o capítulo 9, intitulado *As mentiras do “aquecimento global”*, para que o leitor aquilate o teor polêmico dos problemas trabalhados pelo ensaio, bem como a coragem da autora em os tornar públicos. Ressalte-se, no caso específico deste capítulo, a base empírica e teórica consistente, que mostra, no mínimo, a divergência científica em torno do tema. Curiosamente, algo que não se constata pela consulta às mídias *mainstream*, para as quais a questão não deve ser mais objeto de discussão, dada a (suposta) urgência.

O tema trazido pelo referido capítulo é sensível. Mesmo havendo cada vez mais cientistas e pesquisadores que se declaram céticos em relação à tese do aquecimento global antropogênico, ou seja, causado pelas emissões advindas de atividades humanas, a cobertura midiática *mainstream* dá mais voz a um dos lados que ao outro³. Para a autora, isso não é casual.

O Capítulo 9 começa com a reconstituição de uma reunião secreta do Clube Bilderberg:

³ Um excelente debate sobre o tema, conduzido com muito equilíbrio e bom senso, foi mediado pelo jornalista Luis Nassif no programa *brasilianas.org*, intitulado *Mudanças Climáticas*. O vídeo está disponível em: <https://youtu.be/wkII0v1v-Zc>. Um bom livro sobre a questão é o de Geraldo Luís Lino (LINO, 2009).

Há mais de uma década, o núcleo duro do Clube Bilderberg se reuniu em segredo [...]. Estavam planejando uma nova estratégia para dar mais um passo em direção à sua ânsia por impor um governo mundial. A expressão de David Rockefeller se manteve serena como de costume quando interrompeu o grupo para manifestar sua genial e mais recente ideia.

– Diremos aos cidadãos que todos nós temos que lutar contra um grande perigo que ameaça nossa própria existência: a mudança climática - disse o banqueiro.

– Mas, para que o plano seja eficaz, precisamos acrescentar o bordão “causado pelo homem”, porque se não convenceremos as pessoas de que somos nós que a estamos causando, não seria possível lutar contra isso para resolver os problemas que supostamente geramos.

Exercendo a função de advogado do diabo, um dos discípulos menos qualificados atreveu-se a rebater o argumento do homem:

– Mas quem vai acreditar que nós, meros humanos, podemos lutar contra imponentes forças da natureza?

Ao escutar tais palavras, um membro mais influente intercedeu:

– Por acaso você ainda não aprendeu que as pessoas acreditam em qualquer coisa que dizemos, contanto que utilizemos o medo como arma de controle social? Você não sabe quem somos? Somos os donos do mundo, nós temos o controle sobre os meios de comunicação em massa, podemos dizer o que quisermos e transformar a maior mentira do mundo em realidade. Só temos que repeti-la cem vezes, a todo instante, em nossos jornais e canais de televisão. [...] (JIMÉNEZ, 2020, p. 283-284).

Rockefeller então retomou a palavra e afirmou:

– Sim, contrataremos algum ator famoso, mas, para começar, acredito que Al Gore será um excelente candidato para implementar o plano. Viajará por todo o mundo, dando conferências por ingressos milionários, assim ficará satisfeito economicamente e obterá grande prestígio, de modo que se submeterá sem problemas às nossas ordens - disse Rockefeller, enquanto um sorriso cínico brotava por dentro e se manifestava em seus lábios.

– Não vai apenas angariar muito dinheiro, como também terá a ilusão de ser poderoso, porque o mundo vai idolatrá-lo. Falaremos com nossos contatos em Hollywood para que lhe deem um Oscar pelos documentários que vamos realizar com as imagens mais impactantes da Terra, e nada será mais fácil para nós do que obter o prêmio Nobel pela luta incansável a favor da humanidade.

– Mas como seremos capazes de fazê-los acreditar nisso? - repetiu o discípulo lerdo.

– Vamos revestir a informação de religiosidade, a ecologia será a grande religião do milênio, ou, melhor ainda, nós a transformaremos numa seita.” (JIMÉNEZ, 2020, p. 284-285).

A autora, na sequência, narra o grau de espanto do discípulo lerdo, tempos depois, ao assistir ao documentário de Al Gore sobre o aquecimento global antropogênico (*Uma verdade inconveniente*, de 2006). As palestras iam muito bem no

mundo inteiro e a exibição do documentário foi uma bomba de amplo alcance. Quando, entretanto, tentaram obrigar, por lei, na Inglaterra, a exibição do documentário nas escolas, uma denúncia foi apresentada por um diretor escolar do condado de Kent, Stewart Dimmock, contra a decisão do governo britânico de exibir a fita nas escolas secundárias do país (JIMÉNEZ, 2020, p. 187). O juiz do Tribunal Superior de Londres, Michael Burton, decidiu que o governo britânico poderia enviar a fita às escolas. Entretanto, apenas se “fosse acompanhada por um manual de orientação em que estivesse exposto o outro lado do argumento, para contrabalançar o ponto de vista ‘unilateral’ e a fim de desenvolver um espírito crítico nos alunos.” (JIMÉNEZ, 2020, p. 187).

No movimento seguinte, a autora expõe nove mentiras contidas no documentário de Al Gore segundo o veredito do juiz Burton (p. 187). Nesta seção do Capítulo, Jiménez afirma, ao final: “Al Gore levou o prêmio pra casa [o Nobel da paz pelo documentário referido], mas também uma denúncia interposta em razão de fraude [a denúncia que teve o desfecho com a sentença do juiz Burton].” (JIMÉNEZ, 2020, p. 189). E assim finaliza a autora:

Parece que nem todo mundo está disposto a ser enganado. Ao lado de mais de 30 mil cientistas, John Coleman, fundador do Weather Channel americano, cansado de convidar Al Gore e o IPCC da ONU para um debate televisivo, disse que o ex-vice presidente não poderá recorrer o debate que ocorrerá durante o julgamento por conta de uma acusação de fraude. (JIMÉNEZ, 2020, p. 189).

Na sequência do ensaio, a autora elenca vários argumentos de cientistas renomados contrários à tese de Al Gore, na seção do capítulo intitulada *A grande farsa do aquecimento global*. Este é exatamente o título de um documentário, exibido sem nenhum alarde midiático, no canal 4 britânico, em 2007 (JIMÉNEZ, 2020). No documentário, vários cientistas de peso colocaram em jogo suas reputações e carreiras, bem como futuros financiamentos de pesquisa, para denunciar a fraude contida nas teses de Al Gore. Entre outros, o professor Tim Ball, do Departamento de Climatologia da Universidade de Winnipeg, no Canadá, o professor Phipip Stott, do Departamento de Biogeografia da Universidade de Londres, Patrick Michaels, da Universidade da Virgínia, assim como Carl Busch, professor de oceanografia no MIT (Massachusetts Institute of Technology) e professor visitante de Harvard (JIMÉNEZ, 2020).

Carl Busch afirma:

‘Os oceanos têm memória dos acontecimentos passados até 10 mil anos atrás. Quando alguém diz “Observo mudanças no Atlântico Norte, isso deve significar que o sistema climático está mudando”, não é bem assim: isso só pode significar que algo ocorreu numa parte remota do oceano dezenas ou centenas de anos antes, cujos efeitos estão agora começando a se manifestar no Atlântico Norte.’ (JIMÉNEZ, 2020, p. 193).

Nenhum dos cientistas presentes no documentário concorda que o CO₂ emitido pelos humanos tenha qualquer relação causal com o aquecimento global. Nesse sentido, Nir Shaviv, físico do Instituto Racah e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, diz: “Se tivesse me perguntado há alguns anos, teria dito: é o CO₂. Por quê? Porque, como qualquer outra pessoa, dei ouvidos ao que dizia a mídia.” (JIMÉNEZ, 2020, p. 195).

Em outro ângulo sobre a questão, para mostrar a manipulação do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, da ONU), a autora cita, entre outros, o professor Paul Reiter, do Instituto Pasteur de Paris e ex-membro do IPCC. Diz o professor:

‘Essa afirmação de que o IPCC é composto de 2.500 dos melhores cientistas do mundo todo [...], se se observar a biografia dessa gente, você vai perceber que isso não é verdade; há uma enorme quantidade de pseudocientistas. E quanto aos especialistas que não estão de acordo com a polêmica e abandonaram o grupo (e eu conheço muitos deles), simplesmente foram inseridos na lista de autores e se tornaram parte desses 2.500 melhores cientistas do mundo.’ (JIMÉNEZ, 2020, p. 195).

E afirma Jiménez a seguir: “Quando renunciou ao seu trabalho no IPCC, Reiter teve que ameaçar entrar na justiça contra eles para que tirassem seu nome do estudo.” (JIMÉNEZ, 2020, p. 196). Na mesma linha, Richard Lindzen, do IPCC e do MIT, afirma:

[...] para aumentar o número de 2.500 tiveram que começar a apelar para críticos, funcionários governamentais e qualquer conhecido. Não perguntaram a nenhum deles se estavam de acordo, e tem muitos que não estão. O pessoal decidiu que tinha de convencer mais gente, e que, como nenhum cientista discorda, você também não devia discordar. Mas isso, embora digam que é ciência, não passa de pura propaganda.’ (JIMÉNEZ, 2020, p. 196).

Na seção intitulada *Os talibãs do clima*, no mesmo capítulo, Jiménez traz o depoimento de Patrick Moore, cofundador do *Greenpeace*, que afirma: “não gosto

sequer de chamá-lo de movimento ambiental; nunca mais vou chamá-lo assim, porque, na verdade, é um movimento político com muita influência em todas as partes do mundo.” (JIMÉNEZ, 2020, p. 199).

A cortina de fumaça do ambientalismo posto nesses termos, segundo a autora, faz com que os verdadeiros problemas ambientais locais - rios poluídos, lixões urbanos, falta de saneamento básico etc. - sejam atribuídos a causas que nada têm a ver com os problemas. Ou seja, os verdadeiros problemas ambientais são lateralizados e suas causas escamoteadas ou falseadas. Os cientistas citados por Jiménez são unânimes em afirmar que as causas das mudanças climáticas macro, qualquer delas, aquecimento ou resfriamento, são o sol e os oceanos, sendo a atividade humana absolutamente indiferente para as mudanças estruturais do clima ao longo da história do planeta (JIMÉNEZ, 2020, p. 201). Enquanto o foco é colocado no macro, com graus de falseamento e uso das mídias de massa como veículo de propaganda - na visão da autora, veículos cujos donos fazem parte, em grande medida, do Clube Bilderberg -, uma agenda de controle político das soberanias e da representação política é posta em ação.

Os demais capítulos do ensaio explicitam o Clube Bilderberg e suas ações a partir de vários outros ângulos, como indicado quando da descrição do sumário. Desde a relação entre a maçonaria e os bilderbergs (capítulo 2), passando pela tática das pandemias (capítulo 10) até a suposta manipulação de presidentes (capítulo 11). Cada capítulo traz um maior ou menor volume de evidências, sendo alguns, como aquele acima descrito, muito consistentes e outros de viés bastante especulativo, o que, a meu ver, enfraquece a tese do livro. Por outro lado, é compreensível que um grupo tão fechado e avesso à publicidade não se deixe captar facilmente, o que faz com que a investigação careça de evidências mais significativas. Deixo ao leitor interessado a tarefa de fazer o melhor juízo sobre este instigante painel pintado pela autora.

Por fim, de uma perspectiva mais conceitual, o ensaio de Jiménez não pode - e não deve - passar em brancas nuvens ao interessado em filosofia política. De um lado, lança luzes nos porões de uma organização cuja existência é cercada de mistérios, mas que, provado fica, existe e tem peso no debate e nas decisões políticas mundiais. De outro lado, pode colocar em xeque o grau de efetividade de uma gama de conceitos

muito caros à filosofia política - representação, soberania, democracia, justiça, bem comum, liberdade de expressão etc. Devemos igualmente dar crédito ao ensaio por ser parte de um projeto de pesquisa de treze anos, feito com o cuidado de alguém que encarou o assunto para além da simplificação que impede o debate, ou seja, para além da tese da “teoria da conspiração” - mais um termo “cortina de fumaça”, cuja paternidade está explicitada na epígrafe desta resenha. Ademais, a pesquisa teve como coroamento a tese doutoral da autora, sendo o ensaio *Os Donos do Mundo* uma parte do caminho investigativo. Se as hipóteses de Jiménez são tão espantosas, seu ensaio pode ser considerado, para falar aristotelicamente, uma derivação, ou mesmo um braço limite - no borrão das fronteiras disciplinares - da filosofia política. O leitor está convidado, assim, a se aventurar por este consistente ensaio de geopolítica e de jornalismo investigativo que se apresenta como um veio radical da filosofia política.

Referências

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

DEHAVEN-SMITH, Lance. **Conspiracy Theory in America**. Austin: University of Texas Press, 2013.

DOCUMENTO CIA 1035-960. Disponível em: <https://archive.org/details/CIADOC1035960/mode/2up>. Acesso: 21 MAR 2023.

JIMÉNEZ, Cristina Martín. **Interrelación entre el poder sociopolítico-mercantil y el poder mediático mercantil: el “Club Bilderberg” (1954-2016)**. Tese de doutorado. Universidade de Sevilla, 2017. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/65239>. Acesso: 09 MAI 2023.

_____. **Os donos do mundo**. Campinas: Vide Editorial, 2020.

LINO, Geraldo Luís. **A fraude do aquecimento global: como um fenômeno natural foi convertido numa falsa emergência mundial**. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2009.

NASSIF, Luis. **Mudanças Climáticas**. Programa brasilianas.org. Disponível em: <https://youtu.be/wkII0v1v-Zc>. Acesso: 09 MAI 2023.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

Recebido em 31 de Julho de 2023.

Publicado em 11 de Outubro de 2023.